



Pinturas murais de Le Corbusier na casa E 1027,
Roquebrune-Cap-martin, 1939
Disponível em <http://www.fondationlecorbusier.fr>

APRESENTAÇÃO

Jorge Figueira Sobre o arcaico e o sofisticado na arquitectura

1

A relação da arquitectura com a antropologia é relançada com a invenção da arquitectura moderna no início do século XX. É de facto uma figura humana - esguia, voluntariosa, heróica - que emerge habitando os desenhos de Le Corbusier. O Modulor, sistema de medida com referência nas proporções de um corpo imaginário, será mais tarde o culminar deste ciclo. Le Corbusier remete directamente para os elementos antropomórficos da arquitectura clássica que agora são redireccionados num sentido laico, com uma inclinação científica, como é suposto.

Mas na origem, um homem *picassiano*, livre, desafectado das conveniências burguesas é o resultado dos vários *cul de sac* oitocentistas, e emerge por isso com uma força avassaladora. É, em boa parte, o homem que passeou no Crystal Palace em 1851, perplexo com a aparente infinitude do edifício, outra parte o que desejou o “ambiente total” que encontrou na Red House de Philipp Webb e William Morris. Antagonismos decifrados num só corpo a ser recomposto pacientemente por Le Corbusier. O homem do “espírito novo” é uma composição, um *patchwork* que de repente ganha autonomia, começa a andar sozinho, como um Frankenstein racional e higienizado.

2

O que é interessante e notório, especialmente na Bauhaus, é que, como Janus, este “homem novo” olha para trás, para uma realidade arcaica, e olha também para a frente, para o “admirável mundo novo” da máquina, da comunicação, da mobilidade.

Procura, como no famoso desenho de Le Corbusier, a “A lição de Roma” em *Vers une Architecture* (1923), o que de humano flutua entre o tempo antigo e o tempo vindouro, através da geometria. Das máscaras africanas até ao *Delage* de 1921: o que pode faltar no ambicioso itinerário da arquitectura moderna?